

CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade [recurso eletrônico] / Organizadora Danila Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-01-0
 DOI 10.22533/at.ed.010201402

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Castilho, Danila Barbosa de.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As manifestações culturais são uma das muitas características dos diversos grupos sociais. Assim, as produções cinematográficas, festejos, linguagens e religiosidades constituem-se de suma importância na elaboração de pensamentos críticos, identificações e difusão dos conhecimentos de um grupo.

Tais manifestações são permeadas por conflitos, disputas, percepções e experiências vividas, as quais precisam ser valorizadas em detrimento a imposição de uma cultura global, hegemônica e eurocêntrica. Pois em diversos momentos históricos as manifestações culturais populares foram, e ainda são, muitas vezes silenciadas e por vezes se refletem nos processos educacionais.

Os textos aqui apresentados nos proporcionam reflexões acerca das trajetórias de diferentes sujeitos, e nos motivam a descolonizar a cultura, o imaginário e as identidades.

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“PROJETO BORA?”: UM INTENTO DE INSERÇÃO DA CIDADE DE TUCANO-BA NO TEXTO DO REGIONALISMO NORDESTINO	
Marcelo Cerqueira Cesar Filho	
DOI 10.22533/at.ed.0102014021	
CAPÍTULO 2	12
A ICONOGRAFIA NA PINTURA DE ALBERTO VALENÇA (1890-1983)	
Vera Spínola	
DOI 10.22533/at.ed.0102014022	
CAPÍTULO 3	25
PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE SENTIDOS SOBRE O DOCUMENTÁRIO FEVEREIROS	
Gilmar Adolfo Hermes	
DOI 10.22533/at.ed.0102014023	
CAPÍTULO 4	37
FERNANDO PESSOA ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	
Rafaela Favarin Somera	
DOI 10.22533/at.ed.0102014024	
CAPÍTULO 5	51
TEMPORALIDADE: IMAGEM E PODER NA <i>PROPAGANDA FIDE</i> INQUISITORIAL	
Geraldo Pieroni	
DOI 10.22533/at.ed.0102014025	
CAPÍTULO 6	65
TIRANDO O BLOCO DA AVENIDA: A CRISE NOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E EM SALVADOR	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.0102014026	
CAPÍTULO 7	85
O <i>PRESIDENTE NEGRO</i> : EUGENIA EM MONTEIRO LOBATO?	
Erick Vinicius Mathias Leite	
Sônia Filiú Albuquerque Lima	
DOI 10.22533/at.ed.0102014027	
CAPÍTULO 8	95
CABILA E IJEXÁ: INTERCONEXÕES ENTRE RITMOS DE DUAS CULTURAS	
Adrian Estrela Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014028	

CAPÍTULO 9	105
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS	
Christianne Rose de Sousa Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0102014029	
CAPÍTULO 10	108
REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO NA ETNOGRAFIA DOMÉSTICA DE KARIM AÏNOUZ: O “PATRIARCADO SEM HOMENS” EM SEAMS	
Everaldo Asevedo Mattos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140210	
CAPÍTULO 11	121
A PRESENÇA DO RACISMO NA TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA	
Taíse Dos Anjos Santos Taynan Alves Filgueiras	
DOI 10.22533/at.ed.01020140211	
CAPÍTULO 12	142
JOVENS NEGROS NA ESCOLA, DA EXISTÊNCIA AS REEXISTÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICAS	
Maria Valdete Vitoria da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140212	
CAPÍTULO 13	152
INFÂNCIA E TECNOLOGIA: PRÁTICAS DE UMA CULTURA DIGITAL	
Pedro Almeida Silva	
DOI 10.22533/at.ed.01020140213	
CAPÍTULO 14	162
DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO	
Bianca de Paula Santos Carmen Lúcia da Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.01020140214	
CAPÍTULO 15	174
AQUARIUS: EDIFICANDO O DESCOLONIAL	
Jacqueline Gama de Jesus Ana Lígia Leite e Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.01020140215	
CAPÍTULO 16	188
LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS	
Romilton Batista de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.01020140216	

CAPÍTULO 17	197
'PORTUGALIDADE' NA(S) LUSOFONIA(S): UM CONTRASSENSENTO	
Vítor de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140217	
CAPÍTULO 18	219
DA AUSÊNCIA À PRESENÇA: O EXEMPLO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS - RS	
Davi Kiermes Tavares	
José Paulo Siefert Brahm	
Diego Lemos Ribeiro	
Juliane Conceição Primon Serres	
DOI 10.22533/at.ed.01020140218	
CAPÍTULO 19	234
DESCOBRINDO USPANU	
Surama Sulamita Rodrigues de Lemos	
Thiago Augusto Oliveira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.01020140219	
CAPÍTULO 20	239
PERVERSÃO: CONCEITO E CONCEPÇÕES SOBRE A PEDOFILIA	
Ivana Suely Bezerra Paiva Mello	
Ana Kalline Soares Castor	
Leda Maria Maia Rodrigues Carvalho	
Mylena Menezes de França	
Silvana Barbosa Mendes Lacerda	
Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.01020140220	
CAPÍTULO 21	253
SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA MENSURAÇÃO DA SEXUALIDADE EM PESQUISAS PSICOMÉTRICAS	
Alexandre de Oliveira Marques	
José Augusto Evangelho Hernandez	
DOI 10.22533/at.ed.01020140221	
CAPÍTULO 22	265
A DIVERSIDADE CULTURAL PELO OLHAR KAINGANG	
Claudio Luiz Orço	
Elizandra Iop	
DOI 10.22533/at.ed.01020140222	
SOBRE A ORGANIZADORA	280
ÍNDICE REMISSIVO	281

FERNANDO PESSOA ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Data de aceite: 31/01/2020

Data de submissão: 30/10/2019

Rafaela Favarin Somera

Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

São Paulo – São Paulo

<http://lattes.cnpq.br/9218896281665294> /<https://orcid.org/0000-0002-2722-0025>

RESUMO: Fernando Pessoa assume-se como o intérprete da cultura nacional portuguesa em seu livro “Sebastianismo e Quinto Império”. Nessa obra, o poeta entende a simbologia do mito unificador sebastianista como uma crença popular que forja as características da alma portuguesa e as bases da formação identitária do seu povo. A partir dessa interpretação, Pessoa transmuta a mitologia sebastianista em uma nova forma de religião. O presente estudo propõe a análise da influência dessa “religião” na formação e na estruturação da sociedade portuguesa da época. Para Pessoa, o mito, quando transmutado em religião, constrói a alma portuguesa partindo da esperança da salvação unificadora sebastianista, a única capaz de suportar a multiplicidade cultural do país. Assim, a literatura de Fernando Pessoa produz uma religião própria à Portugal firmada

no porvir da unidade gloriosa do seu mosaico cultural. Desta forma, Fernando Pessoa cria uma identidade em constante construção, ao mesmo tempo permeável e tradicional. Portanto, no panorama poético universal, a presente investigação revela a contemporaneidade deste autor a partir das releituras modernas e pósmodernas de sua estética e pensamento, abrindo novas perspectivas de interpretação de sua obra.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa. Mito. Religião. Sebastianismo

FERNANDO PESSOA BETWEEN TRADITION AND CONTEMPORANEITY

ABSTRACT: Fernando Pessoa it is assumed as the interpreter of portuguese national culture in his book “Sebastianismo e Quinto Império”. In this work, the poet understand the symbology of the sebastianist unifying myth as a popular belief that forges the characteristics of the portugese spirit and the bases of the identity formation of its people. From this interpretation, Pessoa transmutes the Sebastianist mythology into a new form of religion. The present study proposes the analysis of the influence of this “religion” in the formation and structuring of the portuguese society of the time. For Pessoa, myth, when transmuted into religion, builds the portuguese spirit out of the hope of Sebastian’s unifying

salvation, the only one capable of supporting the cultural multiplicity of the country. Therefore, the literature of Fernando Pessoa produces a religion proper to Portugal signed in the future of the glorious unity of its cultural mosaic. In this way, Fernando Pessoa creates an identity in constant construction, at the same time permeable and traditional. Therefore, in the universal poetic panorama, the present investigation reveals the contemporaneity of this author from the modern and postmodern re-readings of his aesthetics and thought, opening new perspectives of interpretation of his work.

KEYWORDS: Fernando Pessoa. Myth. Religion. Sebastianism

Fernando Pessoa viveu no entrecruzamento dos séculos XIX e XX. Durante os anos de 1910 a 1935 evidenciou a história e a mística lusitana. O poeta interagiu com a cultura de Portugal e interpretou-a dentro das características sócio-históricas. A análise crítica aqui proposta visa, essencialmente, interpretar e entender a ideia que o poeta apresenta sobre Portugal, adotando um outro olhar para dentro da natureza do próprio contexto português e, assim, possibilitar a visão pessoana de explorar a literatura como campo de difusão de sentido e como poder simbólico de um povo. Isso significa que transportou à literatura seu pensamento sociocultural de procura da identidade e da inversão dos paradigmas da constituição da nação.

Como tema de estudo é eleito a recolha de textos de **Sebastianismo e Quinto Império** editada por Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda em 2011. Essa edição foi pensada para reunir uma coletânea de fragmentos de mesma linha de raciocínio do poeta Fernando Pessoa, onde busca mostrar e analisar a construção do mito sebastianista em Portugal. A reflexão apresenta uma progressão do tema e no modo como este foi definido. Primeiramente, há uma ênfase no Sebastianismo em termos de uma aproximação com um movimento cultural e social e, posteriormente enfoca a questão do Quinto Império, enquanto extensão do Sebastianismo e sua inserção no sentido transnacional, que o próprio sentido sebastianista traz como seu elemento cultural de significação. Ao progredir no tema, que os organizadores realizaram nessa compilação de textos, encontra-se, em primeiro momento, o movimento cultural e sua forma, que leva a uma crença e, posteriormente, sua evolução em pensamento e projeto para o sentido amplo do que é identidade portuguesa, que pode ser reverberada na imagem do Quinto Império e, assim, no poder simbólico da literatura.

A reflexão realizada revela a relevância do pensamento de Fernando Pessoa sobre o mito como elemento particular que mostra a identidade portuguesa. Ao mostrar essa visão, o poeta sustenta a visão da permanência de uma cultura pelo elemento tradicional e natural. A recolha dos textos ressalta a constância de pensar o mito enquanto acesso a informação e a produção de identidade e de historicidade. Aqui, Fernando Pessoa trata o mito sebastianista como ferramenta de construção da história, política, sociedade, literatura, cultura portuguesa para elucidar a força e grandeza, autenticidade e independência de Portugal enquanto nação autônoma no início do século XX. A via de demonstração que permite gerir essa visão, segundo o

próprio poeta e, a qual ele trabalha e intensifica, é a literatura, pois apresenta em si os mecanismos de representação e de simbologia da personalidade portuguesa em seu componente social e psíquico. Por si, a literatura é interpretada como ferramenta doutrinadora dos homens e que contém os mecanismos formadores e estruturantes da sociedade, dos hábitos e costume. Da mesma maneira, o mito apresenta-se enquanto caminho ordenador de Portugal onde há a união de pensamento e mundo concreto, que são definidos pela memória e pela riqueza da tradição da formação territorial e de povo português.

O projeto lírico-cultural pessoano pretendia construir a civilização lusitana e projetar o país para o futuro. Por meio disso, pode-se dizer que o poeta pensava uma sociedade que incorporasse a mais antiga tradição presente na alma portuguesa, o mito, e assim, criar estruturas para caracterizar a nação como única, gloriosa e imperial. Para tanto, mostrou que essa alma estava banhada por variadas estruturas e construções de pensamentos, políticas e sócias híbridas que gerariam a cultura. Assim, elucidou que dentro do contexto histórico encontraria a raiz do renascimento português detida no mito sebastianista como uma crença popular e de sua criação no mundo moderno.

Para Fernando Pessoa, o mito sebastianista é uma ferramenta de interpretação da personalidade portuguesa em seu componente social e psicológico. Aqui, o mito serve como memória, como ferramenta de interpretação e de agir culturalmente na sociedade portuguesa. O mito sebastianista expande-se, sai de seu isolamento construtivo literário e lança-se no campo histórico e cultural português. Em si, o mito sebastianista representa a busca do retorno da glória portuguesa, de sua grandeza tanto histórica quanto na literatura mundial. Para tanto, o poeta trabalha com a tradição portuguesa de fé e crença, além do poder e da força enquanto nação ultramarina e imperial para promulgar sua acepção sobre o mito como componente permanente enraizado e como ferramenta atitudinal do homem português.

O mito para Fernando Pessoa tem um caráter e função. Serve para alguma coisa: como memória, como ferramenta de interpretação e também de agir culturalmente na sociedade. Fundamento baseado em relações de indução para apresentar os resultados de uma nova relação que julga como sendo a própria construção do caminho. Significado que transcende o literário e vai para o histórico e cultural. Julgamos a obra através desse significado que não é literário. Utilizamos de um significado de mito como ferramenta, uma forma de agir para executar um trabalho de interpretação.

Esse pensamento está embasado nas teorias sobre mito encontradas em Mircea Eliade (1957, 2001, 2017) e Claude Lévi-Strauss (1978) que tratam o mito enquanto metalinguagem e como emulador de crenças e percepções da realidade. Dentro dessa linha de pensamento, o mito não está separado da construção da sociedade e do homem. Enquanto componente dos sentidos – construção humana – estabelece a origem e o estar no mundo. Por sua vez, coloca-se como estrutura

de um grupo social e constitui valor simbólico cultural. Assim, considera-se o mito como estrutura permanente de um povo. Conteúdo simbólico que mostra a crença que caracteriza a sociedade. Além disso, transmite conhecimento e manifesta a cultura. Fonte de construção da identidade de um povo. Reflete o tempo histórico e deixa aparente questões econômicas, políticas, hierárquicas e formas de poder que definem o ambiente do qual procedeu ou com o qual se relaciona. Por isso, o mito é utilizado aqui com as mesmas noções de Roland Barthes (2002) – sistema de códigos transmitidos para homem e são adotados como padrão. Esse conjunto ideológico percebido torna-se significação e passa a operar visivelmente no ser humano. Assim, a representação enquanto sistema de signo se mistifica e transforma a cultura em natureza universal – para entender os textos de Fernando Pessoa.

O mito, assim, é pensado como ponto motriz da realidade e da criação da identidade de seu povo. Entende a cultura lusitana como mito, como imaginação simbólica que encontra na vida imaginária partilhada pelo povo o caminho comum construído para se lançar ao futuro.

No entanto, essa análise precisa de raízes internas, isto é, dentro do próprio material de Fernando Pessoa. Essas fontes de informação internas são dois textos líricos que dialogam com o Sebastianismo: **Mensagem** (BN Esp. E3/146) e **À Memória do Presidente-Rei Sidonio Paes** (BND I-79533-v). Esses textos demonstram a permanência do mito no pensamento estruturante do poeta e da sociedade portuguesa. Algumas passagens mostram literalmente essas informações e outras mostram metaforicamente esses componentes estilísticos presentes nesses textos. Dois componentes importantes que encontramos: o texto e o contexto e nossas informações transitam e formam a interpretação geral do texto e assim consigo utilizar o significado do mito como ferramenta. Além disso, encontramos a repetição de ideias o longo do pensamento pessoano.

Essas obras apresentam componentes orientadores de formação social, enquanto ferramenta implícita, e psicológica reverberados pelo mito. Os demais componentes extraídos dos poemas garantem uma orientação composta por ideias de regresso, crença, fé, força, desejo e heroísmo. Esses signos de orientação carregados de significação psicológica ou, pelo menos, de efeito psicológico. Posteriormente, apresentam valor formativo no povo português. Pode-se entendê-los como guias para Fernando Pessoa envolver o pensamento social e cultural português e, por este movimento, criar uma literatura referencial e propositalmente dogmática e doutrinária de almas.

A análise crítica de **Mensagem** orienta a síntese de uma ideia pessoana que reflete uma origem mitológica ultramarina e grega de Portugal (Ulisses). Ao apresentar Ulisses como fundador mítico de Portugal, Fernando Pessoa propõe imaginariamente seu país como império cultural, uma vez que confere à sua pátria a mesma qualidade criadora que a da Grécia, e como império espiritual tal qual a Cristandade. Ao trazer as características da antiguidade grega e da Cristandade para o diálogo de reconstrução

nacional, o poeta adaptou livremente o mito ulisseano ao resgatar elementos invariantes dessa narrativa mítica: a viagem pelo mar desconhecido, o encontro com outros povos e a incerteza sobre o destino do herói. Esses temas alimentaram (LOURENÇO, 2000) a fundação mítica de Lisboa e a nacionalidade de sua pátria. Como pode ser lido no poema:

ULISSES
O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo –
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

O eu lírico do poema resolve a contradição entre o nada e tudo a figura íntegra de Ulisses. No verso “o nada que é tudo”, define-se o constante devir capaz de sintetizar a oposição dialética entre ser e não ser, crença e realidade, a qual se concretiza na presença atual e mundana, na condição de existência do povo português.

Ao tratar do “nada que é tudo”, o eu lírico mostra que a existência do mito caminha em conjunto com a sua negação, o não-mito que lhe pertence, existência e não existência, verdade e negação. Realidade e crença, assim, são unificadas em um constante devir que é a própria unidade pátria. Além de pensar na existência vinculada entre “é” e “nada”, ser e não-ser, o eu lírico traz para este diálogo a visão da cristandade ao relacionar vida e morte, a existência e a sua negação, unificadas no ato de ressurreição exclusivo a Cristo, a verdade universal religiosa que proporciona unidade entre nada e tudo, ou seja, do “nada que é tudo”.

Assim, a crença veiculada pelo mito possui uma perspectiva fictícia e religiosa que caminha junto ao real. O eu lírico demonstra essa unidade com a mitificação da fundação de Portugal pelo herói grego Ulisses, como pode ser visto na segunda estrofe do poema: “Este”. Com o pronome, o mito ao qual refere é ao mesmo tempo anunciado e ocultado. Além do destino de formação territorial, Ulisses mostra-se como o construtor do pensamento e impulsionador dos portugueses para a navegação e descobrimento de novos mundos.

A inclusão do mito ulisseano em **Mensagem** pode ser entendida como figura

histórica e mítica presente na formação da nação portuguesa. Por isso, é importante para compreender a trajetória mítica que Fernando Pessoa utiliza. Além disso, reverbera o comportamento humano e o elemento de civilização dentro de um conteúdo simbólico – sentido e crença (religião) – que forma o valor e a aparência do homem social português.

o mito narra como a realidade passou a existir, seja uma realidade total ou apenas um fragmento. Sempre mostra a narrativa de uma criação (ELIADE, 2017)

Assim, os mitos fundamentam o mundo e o converte no que é hoje (ELIADE, 2017) revelando os modelos e fornecendo uma significação ao mundo e à existência humana. O mito, segundo Eliade, “fala” ao homem traduzindo a realidade, mostrando suas verdades e significações. Compreende-se que o mito é algo vivente e caracteriza-se por isso como linguagem. Justifica o comportamento e as atividades do homem, fornecendo suas condutas e conferindo significação e valor à existência. Transmite conhecimento, manifestando-se dentro da cultura que opera tal qual o universo religioso dessacralizado que nutre a civilização.

Ao determinar a cultura de um povo, o mito responde pela sociedade que apresenta seus temores. Pelos mitos entende-se as preocupações do homem e sua relação com outras culturas. Assim, o mito pode ser entendido como algo que narra à sociedade a sua formação e a sua importância coletiva.

Em decorrência disso, resgata o mito sebastianista, que tem origens antropológicas e sociológicas. O poeta personifica o mito sebastianista como criador da unificação que traria na fé a percepção da construção de uma unidade social que caminharia junto com a multiplicidade social portuguesa e traria uma identidade imperial à Portugal. A construção do poema D. Sebastião, Rei de Portugal mostra a história de Portugal e o mito sebastianista como criador da unificação que traria na fé a percepção da construção de uma unidade social que caminha junto com a religiosidade cristã – regresso, grandeza, fé, desejo, crença, heroísmo, força.

Louco, sim, louco, porque quiz grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Porisso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que ha.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura o que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadaver addiado que procria?

O poema destaca um ideal de grandeza, em acepção de sonho que assume o arquétipo de conquistador de novas terras para engrandecer a Pátria, que profetiza a permanência do espírito de unidade e de renascimento português que levaria esta

nação a obter liderança dentre as nações europeias. Neste sentido, o povo criaria e pensaria na constituição de sua nação e raça sendo forte e tendo a consciência de sua superioridade, de sua grandeza. Assim, o povo permitindo-se olhar para dentro si mesmo buscaria o melhor para si e para a sociedade e a nação, mostrando que a cultura lusitana é própria e digna de ter seu espaço.

Na terceira parte do livro **Mensagem**, intitulada de O Encoberto, há a presença do poema de nome D. Sebastião, onde Fernando Pessoa trata o mito sebastianista como messiânico cuja origem radica no desaparecimento de D. Sebastião. Este mito se funda na esperança da vinda de um Salvador que virá para libertar o povo e restaurar a glória e o prestígio nacionais. Assim, retoma a imagem do regresso do messias redentor da tradição cristã. Além disso, trabalha com a reinterpretação da história de Portugal em função da retomada de um passado glorioso que deveria perpetuar-se através de um Império Espiritual.

Sperae! Cahi no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma immersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei

O poema explicita a fé que salvaguarda e permite a ressurreição. O corpo perdido no areal não tem relevância perante a crença, pois por ela foi salvo do esquecimento e com ela regressará. Assim, funda-se a esperança da vinda do Salvador. D. Sebastião eleva-se ao patamar de Cristo. Seu corpo desaparecido assemelha-se à ausência do corpo de Cristo na tumba, etapa que antecedeu imediatamente o seu retorno, unificando tudo e nada, existência e não existência por meio da ressurreição. A verdade universal de Portugal é a unidade de passado, presente e futuro, unificados pela crença.

Ao trazer a figura divina da cristandade, o poeta retoma a ideia de legitimar Portugal em sua tradição: o passado grego pagão. Por meio disso, representa o destino português ratificado por sua natureza que enaltece a união entre racionalidade e divindade, mostrando sua consciência e força por meio da sua qualidade pessoal e, portanto, nacional. Assim, a exterioridade de Deus apenas indica o caminho a ser traçado pelo povo, mas é o povo que deve produzir sua consciência e sua qualidade formativa, anulando a interferência externa e assinalando a permanência da sua tradição e da sua força pela eternidade. Ao atingir essa ideia, o poeta manifesta a imagem do indivíduo capaz de criar e unir objetividade e subjetividade como condição comunal de sua existência. Essa apresenta-se na mistificação criadora que traz a

verdadeira alma portuguesa.

Os poemas de **Mensagem** apresentados aqui, sugerem que a história portuguesa caminha em duas vias traçadas paralelamente na vida de seu povo. A primeira delinea o mítico, o qual conduz esta história acima da compreensão humana. Distancia-se do mundo concreto reforçando um heroísmo quixotesco, sonhador, de feitos impossíveis que só podem ser sustentados pela fé nos mesmos. A segunda via formula-se na realidade concreta da figura de D. Sebastião que realmente existiu em momento de liderança política e econômica de Portugal e, portanto, fez parte do mundo sociopolítico e cultural desse país. Sua existência mundana e seu período de reinado próspero foi intercalada por períodos de decadência.

O vínculo concreto que esse personagem possuía com momento histórico de prosperidade soma-se à crença religiosa que alimenta a sua reformulação a mito de ressurreição e salvação unido realidade. Desse modo, a preocupação com a mítica portuguesa só tende a crescer, pois humano e divino vinculam-se em figura histórica e, posteriormente, em agir criativo.

Além disso, percebe-se a repetição e a semelhança entre a figura que se faz mítica e sua reinterpretação. Portanto, pode-se trabalhar o percurso do discurso pessoano dentro do período em que o poeta viveu do início do século XX. Ao engajar sua reflexão sobre o nacionalismo e diálogos culturais, promove o alinhamento desta figura do passado com uma figura presente no período de criação do poeta e que dialoga e encarna este misticismo sebastianista exacerbado.

Tenhamos fé, porque elle foi
Deus não quer mal a quem o deu.
Não passa como o vento o heroe
Sob o ermo céo.
(...)
Mas a ansia nossa que incarnara,
A alma de nós de que foi braço,
Tornará, nova forma clara,
Ao tempo e ao espaço.
(...)
Tornará feito qualquer outro,
Qualquer cousa de nós com elle;
Porque o nome do heroe morto
Inda compelle;

Aqui, Fernando Pessoa corrobora no aparecimento de uma individualidade e de um pensamento diferente inspirado pelo símbolo de Sidónio Pais, explorando a força mítica e conseqüentemente a crença e elevando a função de divino-humano. A imagem de mártir levou ao surgimento de um culto popular semelhante ao que existe em torno da figura de D. Sebastião, que fez de Sidónio Pais um santo. O pensamento que Fernando Pessoa nos mostra sobre esse governante, trazendo-o como o Encoberto,

resgata a memória da alma portuguesa e de sua religiosidade como vocação, onde “heróis e santos” são a base da sua nacionalidade. Aqui, os heróis que preenchem a memória oficial do Estado são os homens de ação, sejam eles pertencentes ao campo militar, político ou religioso. Esses homens se tornam símbolos, perdem sua historicidade e passam a ser compreendidos como meio de transmissão da cultura e do valor da sociedade. Desta forma, há uma hipervalorização do herói individual: mesmo dentro do pressuposto da coletividade, atribui-se a ele as soluções ideais, a derrota dos inimigos, o crescimento econômico e a ascensão da pátria diante do mundo moderno europeu, tudo isso inspirado pela providência divina.

O poeta procura construir social e simbolicamente a cidadania, isto é, a condição de pertencer a um determinado local, cultura e nação. Ao propor a imaginação da identidade portuguesa dentro da ideia do Encoberto, o poeta estabelece a estrutura dessa identidade através dos elementos tradicionais oriundos do mito.

Desta maneira, encontra-se a elaboração de uma mentalidade portuguesa através de uma nova espécie de povo e de alma, todas desenvolvidas pelo poeta. A mentalidade portuguesa baseia-se na verdade íntima da alma com a conversão dos símbolos e modos de pensamento que lhes são próprios. Compreende-se essa mentalidade como a autoimagem e a representação da verdade detida no mito. Assim, entende-se que o mito torna-se o elemento fundacional de toda a racionalidade e eixo condutor da vida para Fernando Pessoa.

Aqui os componentes de orientação interpretativa apresentam ação formativa sobre Fernando Pessoa. São componentes extrínsecos sobre o poeta e que serviram de linhas mestras para ele e que representam o panorama cultural que o poeta está inserido. Além desses componentes, o poema **À Memória do Presidente-Rei Sidonio Paes** trabalha não só os signos que referenciam o mito dentro do aparelho religioso, ele trabalha com dois componentes extras – Palavra e Redenção – que transplanta a análise sobre o pensamento de Pessoa para a ferramenta criativa e de mediação entre mundo concreto e abstrato e o auto-perdão e resgate da humanidade gloriosa perdida. Esses signos extras permitem justificar a obra pessoana e levá-la ao encontro da intenção divino-humana e da forma de existência portuguesa.

Dentro deste parâmetro, o Sebastianismo constitui o pensamento individual do homem e, ao mesmo tempo, carregado de simbologia rege a crença e a fé de uma coletividade, da qual fornece sua origem e etnicidade: a alma religiosa da nação (Bruno, 1904). Ao próprio mito atribuí o papel da religião lusitana e de unificação do território que remete a glória, tida como promessa, a qual leva a criação da fé como princípio de unidade sempre futura. Neste caso, a religião é fruto das individualidades da sociedade que unidas concentram o estado de existência de um povo, de sua cultura e do modo de ser diante dos outros. Para o poeta, o mito apenas simboliza a independência da nação além de constituir a figura que opera a consciência de seu povo e do restabelecimento de unidade dentro da fragmentariedade.

O religioso é uma dimensão transversal do fenômeno humano, que trabalha de modo ativo ou latente, explícito ou implícito, em toda a espessura da realidade social, cultural e psicológica, segundo modalidades próprias a cada uma das civilizações (HERVIEU-LÉGER).

Além disso, a religião pode ser entendida como fenômeno social, produto da sociedade e que a mesma exprime realidades coletivas e se destinam a promover, manter ou refazer certos estados mentais de grupos sociais (DURKHEIM, 2003).

encontra-se uma religiosidade pensada como dimensão humana, histórica e culturalmente determinada, que se abre à transcendência, mobiliza energias e se materializa em formas cognitivas e emocionais na construção de sentido para a totalidade da existência (BAUMANN, 2001).

O poeta pensa o mito como construção da civilização, que carrega na sua existência um fundo religioso, isto é, deriva a moralidade, a ética e um estilo de vida onde um sistema cultural e de crença está representado. Expressa a consciência do homem enquanto indivíduo que contém sua natureza social por se construir e manter diante da coletividade.

A religião é uma manifestação de uma unidade de pensamento. É a fixação externa daquele fundo em que todos concordam que estão submetidos a condições civilizacionais idênticas (BRUNO, 1904)

Procura ver por dentro do homem e sentir o palpitar das entranhas portuguesas. Trabalha a religião dentro da ideia de fundi-la com a realidade, tornando-se um elemento etnicamente dominante.

Aqui, a religião é posta como construção da civilização e como forma da consciência e da vida do homem permitida pelo sebastianismo como fenômeno religioso. Ela é dogmática e confere uma cristalização de ideia moral que fundamenta o homem e sua vida social. Fernando Pessoa sobe a religião as alturas de elemento étnico dominante, isto é, raiz. Ao igualar D. Sebastião a Cristo, ele transforma o mito sebastianista em religião portuguesa, afirmando o caráter étnico da mesma. A analogia do regresso de D. Sebastião com a ressurreição de Cristo parece ser o componente central da transmutação desse mito, tipicamente português, em religião com vínculos étnicos.

Contudo, para associar e definir o sebastianismo como religião católica, o poeta altera o meio para garantir a existência de seu pensamento. Para tanto, o poeta necessita de uma base social e esse pilar é a moral. Essa moral vem da religião, em especial em um povo católico. No entanto, o catolicismo é um estrangeirismo por não ser uma criação étnica do povo português. Fernando Pessoa, assim, nega o catolicismo como componente sustentador de Portugal ao apropriar-se dele e o transmutá-lo em sebastianismo. Logo, o mito foi metamorfoseado em religião similar à católica, mantendo a origem portuguesa.

Há uma complexidade em Pessoa ao pensar Portugal de um outro ângulo de forças e sentidos desligados do catolicismo presente no país. Ao pensar miticamente e procurar difundir esta visão de que o povo deve se construir pelo que é próprio de sua cultura, ou seja, construir sua nação através de seu elemento mítico, pois é este que mostra a estrutura da civilização, o poeta está se desconectando da Igreja católica e

de qualquer outro dogmatismo de fé estrangeira ao seu misticismo sebastianista.

Ao criticar as religiões cristãs europeias – “O monotheísmo é inferior ao polytheísmo, porque o Abstracto é inimaginável excepto genericamente (em comparação com o Abstracto mesmo).” (PESSOA, 2011) –, o poeta coloca-as como não ofertando a essência do que Cristo quer dizer, isto é, não se mostram como sendo um pensamento oriundo do homem e, assim, são fracas para criarem as qualidades do indivíduo. Ao apresentarem um sentimento e sentido fragmentário da vida, Fernando Pessoa mostra-nos que nenhuma dessas formas é capaz de abarcar em absoluto a alma da raça lusitana, toda a sua fé e toda a sua cultura. Desta maneira, a presença do monoteísmo ou de um politeísmo não consegue abarcar e absorver todo o querer e a própria alusão à união direta com o divino, não mostra a permanência de Deus incorporado no homem e nem o significado que lhe é ofertado, pois não constrói a civilização e sua cultura de dentro. Para ele, a alma de sua raça está absorta pelos elementos que construíram esta civilização, isto é, pelo mito que percebemos a existência portuguesa, pois é algo próprio da nação.

Ao tratar o sebastianismo como campo religioso, o poeta remete D. Sebastião a Cristo. Ao divinizar o rei, pensa-o como alma que compõe o homem português independente da classe social. O poeta cria uma magnífica visão sobre o sebastianismo, tratando-o como alimento do homem.

Ao tratar de determinar o Sebastianismo como Cristo, o poeta revela sua intenção: pensar o homem através do mecanismo de linguagem para inferi-lo dentro de seu pensamento e construção atitudinal. Ele representa não só a imagem de um indivíduo, mas o todo que o indivíduo é e representa como construção de diálogo da existência no mundo: “o conceito de D. Sebastião evolue; o antigo era o das epochas da fé mystica, esperando tudo de cima de fora, e da luz e do □ mysterio, eperando tudo de dentro”(PESSOA, 2011). Através de sua linguagem simbólica manifesta o pensamento que o homem deve conduzir seu destino.

Ao conduzir para este caminho seu mapeamento, encontramos um fundo poético filosófico de natureza mística na história portuguesa. Fernando Pessoa procura introduzir na alma do povo o pensamento da retomada do seu destino através da confiança em si mesmo e na criação de valor através do agir mental do homem português. Assim, a transformação do povo deve-se realizar no campo espiritual para ser abstraído e conduzido a manifestação da cultura e da nação.

Nesse sentido, a profecia de D. Sebastião deve ganhar um corpo, mesmo que seu regresso seja simbólico. Para tanto, Fernando Pessoa discute e pensa este mito definindo sua forma através do meio artístico, caminho pelo qual além de representar imgeticamente o que deseja garante a construção cultural do povo, pois manifesta tanto o pensamento e sensibilidade individual quanto a coletiva ao contemplá-la como substância do homem que constrói e mantém valores e, assim, trabalha a forma da nação como seu fim. Esta forma artística aspira a moral e a sensibilidade que regem a vida. Ela por si realiza o pensamento e todos os sonhos de uma vida ideal e de

sua plenitude. Coloca-se como realização imediata para a representação intelectual acompanhada de sentimentos que dominam a vida individual e a relação com o outro.

A sensibilidade é a fonte de toda a criação civilizada. Mas essa criação só pode dar-se completamente quando essa sensibilidade esteja adaptada ao meio em que funciona; na proporção da adaptação da sensibilidade ao meio está a grandeza e a força da obra resultante (PESSOA, 1986)

O poeta ao trabalhar a forma do mito compõe e delimita como a nação deve ser estruturada e representada. A linguagem abstrata (arte) utilizada vincula o mundo pensado pelo indivíduo como forma de captação da realidade impessoal e da alma humana como acontecimento. Mostra-nos que “um acontecimento é um homem, ou um espírito sob forma impessoal” (PESSOA, 2011).

Enquanto organismo o mito de D. Sebastião mostra a forma psíquica do povo para recriar a nação objetivamente. A raiz fundadora (mito) é étnica e religiosa e, também, raiz da sua forma de existência. Por referi-lo como a base da cultura portuguesa, esse organismo ganha dimensão não só individual ou espiritual, mas chega ao seu fim como produto de um povo.

Ao transformar o Sebastianismo em linguagem, o poeta reafirma o poder da palavra – “O que é *desejado*, em Hiram Abiff, não é ele mas a Palavra que ele possuía; em Jesus Cristo não é ele mas a Palavra que ele é; em D. Sebastião, não é ele mas o Cristo (A Palavra que é ele)” (PESSOA, 2011)– e fornece a autoidentificação da verdade dentro do componente humano e representativo da fé e da crença particular e primordial do povo português, ou seja, do seu sentimento religioso que traz a força interna do homem como meio estruturador e construtor dos valores e forças absolutas e independentes que geram a nacionalidade e a cultura de uma civilização.

A linguagem como formadora de cultura tem papel fundamental de desvelamento, divulgação e educação dos indivíduos que exprimem a nação. Quem efetua essa revolução é o poeta pois apresenta o mundo concreto e abstrato. Além disso, em si é a ideia que controla os outros homens que são a expressão da nação. Aqui, o mito sebastianista não é externo, mas uma fonte de existência, que é religião, isto é, é dogmático, moral e apresenta o componente de criação cultural. Por sua vez, é uma linguagem que dá corpo e conjuga a base social, histórica, cultural, étnica e moral de um grupo social. Apresenta os componentes formadores e transmissores de orientação social e psicológica.

A partir da metamorfose feita por Pessoa, a linguagem artística manifesta a cultura portuguesa. Aqui, a literatura tem o componente divino-humano, pois trabalha a representação do mundo concreto e abstrato. Em si, manifesta-se como o mito e é uma educação dogmática e doutrinária para o grupo social, pois apresenta componentes estruturantes sociais e psicológicos. Para Fernando Pessoa somente a literatura tem a capacidade de anular, transmutar, referenciar e alicerçar a condição do homem português em sua totalidade, pois reflete a alma e a realidade concreta. Por conseguinte, o poeta é a ideia que controla os outros homens que são a expressão da cultura portuguesa.

Assim, sua literatura produz uma religião própria à Portugal firmada no porvir da unidade gloriosa, pois apresenta-se em acordo com a ideia de que “ao postular a humanidade na dimensão religiosa revela-se a propriedade de se recriar permanentemente ao longo da história, seja nas manifestações culturais e/ou nas ações interindividuais”(BAUMANN, 2001).

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, C. M. **História religiosa de Portugal**. Lisboa: Círculo de leitores, 2000
- BARTHES, R. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002
- BAUMANN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- BESSELAAR, J. J. **O Sebastianismo: história sumária**. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1987
- BRUNO, S. **O Encoberto**. Porto: Livraria Moreira, 1904
- CAMPBELL, J. **Mitos, sonhos e religião: nas artes, na filosofia e na vida contemporânea**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001
- CASSIRER, E. **Linguagem e Mito**. São Paulo: Perspectiva, 2013
- CENTENO, Yvette (org.). **Portugal: mitos revisitados**. Lisboa: Salamandra, 1993
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003
- ELIADE, M. **Mythes, rêves et mystères**. França: Gallimard, 1957
- ELIADE, M. **El mito del eterno retorno**. Buenos Aires: Emecé, 2001
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: editora Perspectiva, 2017
- GEARY, P. **O mito das Nações. A invenção do nacionalismo**. São Paulo: Conrad, 2005
- HERVIEU-LÉGER, D. **Le pèlerin et le Converti**. Paris: Flammarion, 1999.
- HOBSBAWM, E. **A era dos impérios, 1875-1914**. São Paulo: Pz e Terra, 2015
- LÉVI-STRAUSS, C. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1978
- LOURENÇO, E. **Mitologia da Saudade**. São Paulo: Cia das Letras, 2000
- MATTOSO, J. **Portugal, a Identificação de um País**. Lisboa, 1985
- MATTOSO, J. **História de Portugal**. Lisboa, 1992-93
- PESSOA, F. **Sebastianismo e Quinto Império**. São Paulo: Ática, 2011
- PESSOA, F. **Mensagem**. BN Esp. E3/146, 1934

PESSOA, F. **À Memória do Presidente-Rei Sidonio Pais**. BND I-79533-v

PESSOA, F. **Obra em Prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alberto Valença 12, 13, 16, 17, 20, 22, 23, 24

Alma 19, 37, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 177, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 278

Aluno 13, 142, 144, 145, 165, 167, 171

América Latina 88, 97, 109, 174, 175, 176

Aquarius 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 1, 2, 4, 10, 109, 110, 112, 117, 179

B

Bahia 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 67, 75, 76, 80, 83, 84, 93, 95, 97, 99, 104, 107, 121, 142, 144, 152, 154, 157, 161, 174, 188, 189, 217, 219

C

Carnaval 33, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 100

Carnaval de Rua 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Clave 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Critérios amostrais 253

Cultura material 164, 219, 220, 228, 232, 233, 275

Cyber-infância 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161

D

Descolonial 174, 175, 176, 179, 182, 183

E

Economia criativa 65

Educação especial 162, 163, 165, 167, 170

Educação inclusiva 162, 165, 167, 168, 172

Espírito 42, 48, 88, 190, 204, 206, 208, 209, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 232, 266

Eugenia 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93

F

Fernando Pessoa 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

G

Guerra Colonial 188, 189, 193, 195, 204

I

Identidade 1, 3, 9, 11, 17, 37, 38, 40, 42, 45, 72, 78, 91, 92, 104, 110, 115, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 175, 181, 183, 191, 192, 195, 212, 213, 223, 233, 235, 237, 245, 256, 257, 259, 260, 261, 268, 276

Inclusão 9, 32, 41, 139, 145, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173

Infância virtual 152, 153, 155, 161

J

Jovens negros 142, 147, 149

L

Legislação educacional 162

Literatura 4, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 48, 49, 85, 88, 89, 93, 108, 144, 151, 174, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 260, 261

Literatura Brasileira 85, 174

M

Mito 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 83, 201, 202, 207, 209, 210, 212

Museu Gruppelli 219, 220, 221, 226, 230

Música Afro-Brasileira 95, 97, 98

N

Necessidades especiais 162, 165, 166, 167, 168, 170, 171

O

Orientação sexual 118, 253, 254, 255, 256, 257, 260

P

Pintura Iconográfica 12

Práticas lúdicas 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161

Psicometria 253, 255

R

Racismo 85, 86, 92, 93, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 145, 146, 147, 150, 193

Regionalismo 1, 2, 8, 9

Relação étnico-racial 142

Relações étnico-raciais 85, 86, 151

Religião 31, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 104, 137, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277

Representação 1, 16, 19, 30, 39, 40, 45, 48, 53, 59, 63, 68, 83, 86, 99, 100, 101, 102, 117, 127, 129, 144, 151, 175, 181, 188, 189, 190, 191, 195, 219, 220, 228, 269

Rio de Janeiro 10, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 24, 35, 49, 50, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 112, 119, 140, 141, 161, 162, 170, 173, 183, 188, 195, 204, 233, 238, 250, 251, 253, 261, 278, 279

Ritmo Cabila 95

Ritmo Ijexá 95, 96, 100, 101

S

Salvador 3, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 43, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 95, 96, 97, 100, 104, 108, 121, 122, 123, 124, 125, 135, 139, 140, 141, 151, 152, 154, 157, 161, 208, 233

Sebastianismo 37, 38, 40, 45, 46, 47, 48, 49

Sertão 1, 2, 3, 4, 8, 9

T

Tacho 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Trauma 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195

V

Violência 81, 105, 106, 107, 128, 139, 142, 144, 148, 149, 155, 160, 161, 179, 181, 192, 196, 206, 244, 246, 250, 252, 274

 **Atena**
Editora

2 0 2 0